



17º CONGRESSO BRASILEIRO DE
ADOLESCÊNCIA
17 a 20 de setembro de 2018 - Porto Alegre - RS

17 a 20
de setembro

Barra Shopping Sul
Av. Diário de Notícias, 300 - Cristal, Porto Alegre - RS



Trabalhos Científicos

Título: Educação Sexual Para Adolescentes

Autores: JULIANA DE ASSIS CHAGAS (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS), ISADORA PAIVA ABBONDANZA (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS), ANA LAURA ZAMPIERI CHEIBUB (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS), VALENTINA SILVA GAGLIARDI (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS), ISABELA PASSOS DE OLIVEIRA (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS), GIULIA COSTA FREITAS (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS), BRUNO DA SILVA OLIVEIRA (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS), MURILO BANDEIRA PISTONI (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS), RAFAELA MAFFEIS BUENO (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS), MARIA FERNANDA DE ÁVILA REIS (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS), LUIZA CURY LIA (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS), MARIA DE FÁTIMA DE CAMPOS MARCIANO (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS)

Resumo: O Estatuto da Criança e do Adolescente assegura proteção integral contra a violência, mas, no Brasil, crianças e adolescentes seguem vulneráveis, especialmente à violência sexual, frequentemente praticada no ambiente familiar, dificultando denúncias. O silêncio é agravado pela falta de diálogo sobre sexualidade, ainda considerado um tabu. Adolescentes enfrentam ainda negligência em saúde física, mental e sexual. A cada dia, 1.043 adolescentes se tornam mães, segundo o Ministério da Saúde. De 2007 a 2022, foram registrados 434.803 casos de HIV, sendo 23,7% entre jovens de 15 a 24 anos. Os dados refletem a carência de educação sexual e acesso a métodos contraceptivos. Diante disso, esta ação buscou abordar tais temáticas no ambiente escolar de forma acessível, promovendo autonomia e proteção dos adolescentes. Inicialmente, realizou-se uma apresentação sobre contracepção, infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), gravidez na adolescência, aborto, violência sexual e autocuidado. Durante a apresentação, circulou-se uma cesta para que os estudantes pudessem, anonimamente, registrar dúvidas, que posteriormente foram esclarecidas. Depois, os voluntários dividiram as turmas em dois subgrupos, gerando um ambiente mais íntimo e seguro, o que facilitou o diálogo e o compartilhamento de experiências pessoais. Ademais, foram fornecidos canais seguros de denúncia, tanto oficiais quanto da própria organização, a partir de um e-mail exclusivo para esse fim, garantindo privacidade às vítimas e obedecendo ao Estatuto da Criança. No entanto, recomendou-se que, diante qualquer identificação, a violência sexual fosse relatada ao tutor do colégio, figura mais familiar de convívio diário, para encaminhamento à direção. Ao final da ação, evidenciou-se o interesse e engajamento dos adolescentes: foram feitas 57 perguntas e 155 alunos (100%) levantaram a mão ao serem questionados se haviam gostado da atividade e aprendido com ela. Ademais, a direção do colégio relatou mudanças positivas após a atividade, como maior respeito mútuo entre os jovens e tratando com mais seriedade assuntos. A ação ocorreu em uma Escola Estadual e abrangeu 155 alunos do ensino médio. Participaram como voluntários 22 alunos de medicina, previamente capacitados por um hebiatra. Realizou-se uma apresentação em slides sobre educação sexual e foram sanadas dúvidas realizadas pelos discentes. Limitações: Abrangência restrita a uma única escola, dificultando a generalização dos resultados, além da ausência de moldes anatômicos e contraceptivos, o que reduziu a compreensão prática. Conclusão: A ação alcançou seu objetivo ao promover informação acessível sobre saúde sexual e reprodutiva a adolescentes. A combinação de apresentação expositiva e rodas de conversa proporcionou um ambiente seguro para dúvidas, relatos e reflexões sobre o tema. O engajamento dos alunos e o retorno positivo da escola reforçam o impacto da iniciativa.